

# CANCIONEIRO TRANSMONTANO 2005

**J. Chrys Chrystello**

Edição da SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE BRAGANÇA

## **NOTAS DO AUTOR:**

Antes de mais quero agradecer ao Dr. Eleutério Alves, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Bragança, por ter tido a visão e a confiança para me deixar elaborar este Cancioneiro. Já no passado, em 1985, a ele coube o sonho de lançar a primeira edição desta obra. É igualmente devido o nosso reconhecimento ao Dr. Eduardo Alves da SCMB, e a Sandra Rocha, (Estagiária do 5º ano Trabalho Social da UTAD – Pólo Miranda do Douro) o nosso muito apreço pelas recolhas efectuadas dentre os utentes da Santa Casa, bem como ao Professor Luís Canotilho que nos ilustrou o livro.

Embora já desaparecido do nosso convívio (27 de Maio 2004) não quero deixar de mencionar, hoje, José Augusto Seabra, meu mentor intelectual e colega de várias iniciativas, que nos últimos três anos foi o patrono dos Colóquios de Lusofonia realizados em Bragança. Foi ele que sempre teve o estímulo certo para os momentos de desânimo, e as palavras de incentivo rumo a uma utopia alicerçada nos seus múltiplos saberes. Foi no seu reinado como ministro da Educação que deu o aval ao Politécnico de Bragança, onde ainda proferiu a Oração de Sapiência em 2003. José Augusto Seabra, um literato no mais amplo sentido, um homem das Letras, um republicano indefectível na senda dos verdadeiros republicanos da 1ª República. Como Embaixador promoveu a Língua e a Cultura portuguesas de forma ousada e inovadora nos países onde exerceu; como director da Revista Internacional de Língua Portuguesa das Universidades da CPLP, editou-a com o labor e a minúcia de quem ama a língua. E falo desse homem pois foi graças a ele que aprendi a importância desta terra que em tão pouco tempo me soube cativar, despertando em mim heranças transmontanas obnubiladas e laços de coração e sangue que eu olvidara. Sim, esta terra que me acolhe como quem trata um filho emérito, soube adoptar-me engalanada nas suas belezas que contrastam com a agrura excessiva do seu clima.

A sua qualidade de vida faz corar de inveja os habitantes das grandes urbes portuguesas pois, Bragança, dispõe hoje de bons e modernos equipamentos urbanos, de um tecido social coeso ainda que diverso, e de uma vitalidade sustentada durante a maior parte do ano por mais de 6000 estudantes do ensino terciário e outros tantos do secundário. A atmosfera está cheia de contrastes da sua rica história, do seu comércio tradicional e do mais recente.

Tudo isto serve para me encher de orgulho por viver aqui, nesta antiga Cidade de origem neolítica, posteriormente um importante centro romano localizado na zona actual da Sé. Às invasões bárbaras sucederam-se as guerras entre mouros e cristãos que tantas tradições orais deixaram como podemos apreciar neste volume. Essa Bragança primitiva desapareceu permanecendo enterrada até hoje, conforme recentes escavações do programa Polis demonstraram, com inúmeros vestígios que hoje podem ser observados em exposição.

Dentre as lendas mais antigas da cidade está a da visita de S. Francisco de

Assis que, aqui parou quando ia em peregrinação a Compostela e fundou o mais antigo convento franciscano em Portugal. O Santo de Assis nunca veio à Península, mas é muito verosímil que o convento franciscano de Bragança esteja relacionado com um albergue para peregrinos de Compostela, que já existia no séc. XII. Essa função de escala no Caminho de Santiago pode ajudar a compreender a fixação de uma importante colónia de judeus, cuja actividade foi decisiva para o desenvolvimento económico da região.

A paisagem é rude e bravia, e numa abordagem fugaz dir-se-ia que aqui só há fraguedo. Mas numa das mais importantes revoluções pacíficas que aqui ocorreram, os judeus plantaram amoreiras nos interstícios dessas fragas e nos séc. XV e XVI, conseguiram o milagre de fazer de Bragança um importante centro manufactor de veludos, damascos e outros tecidos de luxo.

Noutro extremo menos agradável, a Inquisição mostrou-se particularmente activa em Bragança. Vitimou, ao todo 734, artesãos segundo os números averiguados pelo sábio Abade de Baçal. Naturalmente, nem todos se deixaram apanhar e a maioria (três mil artesãos) fugiu. Os teares fecharam, a produção dos belos veludos de Bragança cessou por completo e a terra conheceu um longo e sombrio período de decadência.

A Bragança de hoje é irmã gémea da outra celta e romana, dela tendo herdado costumes, língua e artesanato, sempre marcados pela sua importância militar e estratégica mas sem jamais perder as suas raízes rurais, e reza uma importante lenda que na Igreja de S. Vicente, se casou clandestinamente o príncipe e futuro Rei D. Pedro com a dama castelhana Inês de Castro, tema da literatura portuguesa e universal.

Neste volume pretendemos fazer ouvir a nossa voz, através das memórias do passado para que não desapareçam as lendas e tradições que permitiram a Bragança ser uma terra onde se congregam esforços e iniciativas para manter viva a língua de todos nós, sob o perigo de soçobramos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.

Quando aqui cheguei em 2003, sabia apenas que havia fortes laços de sangue que me prendiam a esta região. Com um avô materno Vimiosense há séculos, uma avó materna e uma mãe alfundeguenses, recordava daqui as férias de infância passadas em terras da vetusta região de Bragança e Miranda. Havia primos e tios avós que contavam histórias de outros tempos, e tinham um falar diferente.

Aprendi a liberdade de passear pelos campos até ao pôr-do-sol, montado numa burra ou num macho, sem peias nem fronteiras, por montes e vales, inspirando este ar puro, experimentando detalhes desconhecidos da natureza que a minha juventude urbana desconhecia. Em casa ainda não havia luz eléctrica que essa só chegaria depois do 25 de Abril, mas os campos já estavam plantados de postes de alta tensão. Das vindimas à apanha da amêndoa muitas foram essas recordações que recuperei. Lembro-me de ver

como no céu havia estrelas em número inaudito, estrelas que jamais se podiam observar nas poluídas abobadas das cidades portuguesas. Lembro-me do cheiro a feno na Eucísia, do chiar dos carros de bois no Azinhoso, dos cortejos pascais engalanados com as colchas penduradas nas pequenas janelas como seteiras abertas em paredes de grossa espessura. Lembro-me dos burricos e dos seus cântaros saltitantes a caminho da fonte, dos jantares à luz da vela e do sempre presente petromax. As cavilhas na central telefónica do Sendim da Ribeira com doze números de telefones que se ligavam à venda onde tudo se comprava. E havia ainda as celebradas danças no salão dos bombeiros, e as festas típicas em honra do santo da aldeia, onde conheci um povo que desconhecia.

Na pequena e ora semi-despovoada aldeia da minha avó materna encontrei os rituais senhoriais da família Gama do engenheiro Camilo Mendonça onde se ia prestar vassalagem quando ali chegávamos para férias, ansiosos de beber a fresca água da Grichinha, fonte milagreira em plena terra das feiticeiras. Revisito a imagem bucólica do Vale da Vilariça antes da barragem, quando da varanda de casa me deleitava com ela enquanto devorava os livros de Jules Verne.

Vi rostos e tradições do tempo dos Cristãos Novos, ainda hoje envergonhados da sua herança marrana. Há cinquenta anos, ainda existia a vergonha de se dizer que se descendia dum abade, cónego ou padre, tão comum a tantas famílias da região, numa mescla de respeito, medo e veneração ao cristianismo que se impusera primeiro aos mouros da rica Alfandagh, para depois ser temporariamente substituído pelos judeus que fizeram desta uma zona bem rica, antes de sofrerem os efeitos da conversão forçada e a clandestinidade, quando não a morte, o exílio ou a Santa Inquisição.

Conheci capelas, vi santos milagreiros em altares cobertos de ouro, andei em procissões e fui a missas onde os importantes da terra tinham as suas cadeiras próprias reservadas em pleno altar. Tomei banho em tanques improvisados e provei frutas desconhecidas. Fiquei sempre com esta recordação destas terras e destas gentes e ela me acompanhou no périplo de mundos e na diáspora que me levou a passar metade da vida no Sudeste Asiático e na Australásia. Essas eram, aliás, as únicas recordações agradáveis que levava do país onde cresci. Eram tão importantes que as utilizei numa entrevista em 1989 para dizer na Austrália como era belo este país de bons vinhos e boas comidas, e paisagens variegadas. Lembrava-me dos fraguados de Penas Roias (onde fora pela primeira vez em 1962 num jipe dum primo), e da famosa arca do cura dessa aldeia esquecida, onde só regressaria no conforto do alcatrão em 2004.

No Vimioso percorri as ruas onde o meu avô crescera, vi a casa onde a família habitara que permanecia ativa e brasonada. Em Alfândega da Fé reví os jardins e os parques e as memórias dum castelo que a minha mãe sempre referiu nos idos da memória. Recordei as viagens longas e inesquecíveis pelo Douro acima, em comboios que a estupidez do homem mandou retirar dos

carris trocando-os por alcatrão.

Recordo com emoção os jantares feitos à lareira, em tachos negros como a noite, e onde os sabores eram bem diferentes. Depois do jantar, sentados no escano, imaginávamos figuras misteriosas que o fogo e as sombras criavam, antes de nos confrontarmos com o medo de regressarmos aos quartos, atravessando enormes salões onde a chama bruxuleante da vela nos desenhava os demónios de que a catequese nos avisara. Mas, mais terríveis ainda eram as trovoadas em plena época das sezões, quando na Quinta da Bendada (hoje em ruínas e não mais pertença da família) nos anichávamos debaixo da cama, enrolados em cobertores de papa, a rezar a Santa Bárbara.

Foi tudo isto que eu revivi ao editar este maravilhoso Cancioneiro Transmontano 2005. Foi o facto de saber que não vivi em Portugal os anos suficientes para ter mais recordações de histórias e contos dos avós, e de que a minha mãe hoje com 82 anos é o último elo para tantas dessas histórias e lendas que as tias contavam e cantavam.

Ao sentir que se podem perder esses registos fundamentais duma memória colectiva resolvi meter as mãos à obra e preservar em papel aquilo que tantos idosos nos deram. Sabemos que a língua e cultura dum povo se preservam sobremodo pela tradição oral, limitamo-nos a transcrever o que foi possível ainda recuperar, para que mais tarde, os vindouros saibam que aqui houve gentes que nos falavam de mouras encantadas oitocentos anos depois delas terem deixado de aqui viver.

Lamenta-se que mais recolhas não nos tivessem chegado a tempo de as publicar. Estamos dispostos a guardá-las para uma próxima oportunidade se alguém as fizer chegar até nós. Mas para já deixo-vos cerca de duzentas e cinquenta páginas desta memória transmontana, nas quais mantive os textos, a introdução e o prefácio da primeira edição publicada em 1985.

Para que os nosso filhos se orgulhem das suas raízes e as preservem.

Bragança, ©Abril 2005

J. Chrys Chrystello

## INTRÓITO E PREFACIO À EDIÇÃO DE 1985

Sempre que abordamos este tema – a cultura antropológica – regressamos no tempo à nossa meninice. Em aproximações sucessivas, as nossas vivências de então corporizam-se. Vemo-nos actores de um processo cultural carregado de tradições. Trabalhámos no campo. Regámos a horta e apanhámos o feno. Caminhos fora, a cavalo na burra, com chapéu de palha, lá íamos ter à segada. Demos voltas sem fim, em dias quentes de Julho e Agosto, sobre o trilho que impiedosamente triturava os caules de trigo e centeio. Com o garotio folgazão fizemos corrimaças no prado baldio, enquanto os vitelos retouçavam calmamente as ervas da pastagem. Atrás dos carros carregados de lenha ou estrume, ouvíamos o chiar desesperado, tapando e destapando os ouvidos, para melhor contraste de som. E no Inverno, após a apanha da azeitona, conhecemos o ambiente típico do lagar de azeite, tocando o boi, atado ao baldão a puxar pacientemente as galgas de granito, dentro do farneiro. Num intervalo de mudar a piada, saboreávamos então uma torrada de azeite virgem feita na foinha, aquecida com bagaço e toros de sobreiro.

Foi este o ambiente sadio, cheio de tradição, que vivemos por dentro em toda a nossa juventude. Estamos dentro de todos os ciclos da vida agrícola-pastoril. Desde o linho que ajudámos tantas vezes a alagar no rio Sabor, à tosquia, ao pisar das uvas no lagar, de tudo partilhámos. Primeiro, por necessidade de braços, que nunca são demais para as fainas agrícolas, e só depois, com gosto, contente porque a carrada de sacos que entrava na tulha, bem como a restante colheita, se devia também ao nosso esforço. Não se pode compreender a vida de um povo, quando se vive à margem dos esquemas económicos, religiosos e sociais. Romances e outras manifestações culturais aqui inseridas são a consequência lógica de um modo de estar na vida. Quem não é capaz de penetrar nesse mundo, simultaneamente complexo e simples, não pode compreender a beleza da construção poética que o povo anónimo criou.

O ignorante não é o aldeão analfabeto, mas sim o urbano alfabetizado, Ainda bem que se vai olhando com mais respeito para um saber multissecular, cristalizado em jóias raras da nossa literatura oral. Anónimas, chegaram até nós com a mesma frescura que as viu nascer. Enraizam no comunitarismo agro-pastoril do mundo medieval. Reflectem os seus problemas, angústias e alegrias.

Se a poesia brota da vida, a literatura popular dela fluiu como de seio materno. Os diversos modelos que se seguem, tanto como produções literárias, são factos históricos, documentos da vida de um povo. Lirismo e misticismo casam-se em simbiose perfeita. Sirva de exemplo o romance lavrador da arada. A caridade evangélica encontra um modelo perfeito no pobrezinho que o lavrador leva no seu carro e a quem mandou fazer a ceia. A referência tema ao Cristo crucificado não é dramática, mas calma, espiritual. Assemelha-se aos Cristos medievais, cujo sofrimento físico fica em segundo plano perante a divindade que se espelha no rosto. O seu valor místico realça-se com a referência à cambraia e prata fina, atributos dignos da divindade. Ao misticismo deste primeiro romance sucede o tema existencial e dramático da Nau Catrineta. O romance é muito humano. As referências ao demónio, escritas, fazem parte de um todo plástico, de fundo arquitectónico. Encontramo-lo nos capitéis medievais, emergindo de um mundo telúrico, cheio de fantasmas.

*Quero a tua alma e arrenego a ti, demónio*, são duas afirmações contrastantes, expressas naqueloutro romance muito comum em Trás-os-Montes, – *Vozes dava o marinheiro*. A nostalgia do mar e a densidade dramática do tema explicam a voga deste romance no interior trasmontano.

"*A canção popular portuguesa... é a crónica viva e expressiva da vida do povo português*", afirma Lopes Graça (A canção popular portuguesa, p. 15). O ritmo do quotidiano encontra expressão plástica na melodia que ainda hoje o lavrador assobia ou canta atrás do arado, desventrando as leiras. Mas, o quotidiano também se altera, assim como à monotonia do vale se sucede a montanha ou o rio.

A *vindicta* e barulho rebentam intempestivos e quebram a atonia uniforme dos trabalhos agrícolas. Apesar dos laços de solidariedade que a estruturam, este drama aparece de quando em vez, como aragem mais vibrante e sinal de sofrimento, na comunidade. Amores contrariados como o de *D. Ângela* são de todos os tempos. O poeta, inventor de música e letra, certamente, não se esqueceu de terminar em tom moralizador:

*Os pais que têm filhos  
Não lhe tirem o casar.  
Morreu esta donzela  
Sem seu marido a lograr.*

Esta canção exprime sentimentos de alma, individuais, pungentes. É uma crónica. A maldição é o castigo do pecado. Nasce da oposição frontal à lei divina. É um tema que encontramos também nos poemas homéricos. Castigo da insolência, atinge o indivíduo ou a comunidade. Cria um conflito que só é sanado com a expiação do culpado. Este tema é evidente no romance *Cruel vento*. A desonra, o roubo, o homicídio e simultaneamente sacrilégio, – *roubaste três igrejas... e mataste três sacerdotes revestidos ao altar* são crimes inauditos que trazem como consequência a esterilidade da terra, das fontes e do mar. Para uma comunidade agro-pastoril e ribeirinha, não podia haver maior castigo.

Pela literatura popular, como em pano de fundo, perpassam todos os dramas da vida humana. A morte, mesmo que ela venha no fim de uma vida longa, é um agente desagregador.

*Da igreja vem o velho*, é outro quadro descritivo, vulgar, cheio de intensidade dramática. Nada melhor para mitigar a saudade da ausência da companheira do que o amparo da filha mais velha, que vai ocupar o lugar da mãe.

*Oh! Meu pai!  
Oh! Valha-o Deus!  
Tanto chorar!...  
Eu lhos ajudarei a criar.*

O romance **Girinaldo**, nas suas diferentes variantes, mostra-nos como as estruturas sociais de então, medievais, não eram tão rígidas como se diz. Vejamos parte do texto:

*Para matar o Girinaldo...  
Criei-o de pequenino  
Para matar a princesa...  
Fica o reino perdido.*

O amor sobrepõe-se ao prestígio social e aos compartimentos estanques de uma sociedade fechada. Aceita o casamento de um plebeu (o criado) com a princesa, filha do rei. Uma sociedade deve possuir, para funcionar bem, todos os ingredientes. A sátira é um desses elementos indispensáveis, tão do agrado da nossa gente. Modera os impulsos instintivos, abate o orgulho, estimula. Gera criatividade. A veia satírica cultivou-se mesmo antes de a poesia tradicional começar a tomar forma. É frequente tanto nas cantigas como nas quadras.

*Já tive dezoito amores,  
Contigo são dezanove.  
Todos me saíram prata,  
Só tu me saíste cobre.*

Nem sempre a crítica é suave como nesta quadra popular. Por vezes é grosseira, acutilante. Rivalidades clánicas ou tribais, são longínquas, próprias de todos os tempos e de todos os grupos sociais. Encontramo-las ainda expressas nas nossas aldeias. Eram frequentes no princípio do século. Aproveitavam-se as festas tradicionais, e degeneravam em motins que custavam a vida a alguns contendores. Ainda estão na memória das pessoas de oitenta anos. A propósito do melhor jogador de barra ou de ferro, do boi mais valente ou do fadista de veia mais fácil, geravam-se rivalidades que só o tempo foi diluindo. Os *apodos* geográficos, de uma forma ou de outra, contribuíram para caracterizar idiosincrasias.

*A fome nasceu em Sendas,  
Foi baptizada em Paço.  
Sacramentada em Valverde,  
E foi morrer em Grijó.*

Embora a abundância fosse moeda rara há cem anos atrás, nenhuma aldeia aceitava de bom grado o cognome de esfomeado.

**Adivinhas, provérbios e quadras populares** são temas que ao de leve também afloram nesta colectânea. Os jogos de roda alimentaram todo esse lirismo tão espontâneo e vibrante do nosso povo. Junto da fonte, no largo principal, ou em frente da escola, foram dançados por crianças e também por jovens casadoiros, em tardes domingueiras e outros dias festivos. Despertaram amores furtivos, e quem sabe, se rivalidades pessoais.

*Ó cantarinha de barro,  
Quem te leva à fonte? Quem?  
Não vais apenas de carro,  
Vais nos braços do meu bem.*

E as **rondas**?! Ainda delas nos lembramos. Em sábado à tarde, dias de paga vinho, quando algum jovem ia para a tropa ou para o Brasil, percorriam as ruas escuras do povoado. Também elas deram o contributo à criatividade de verdadeiros rapsodos homéricos. O violão e a guitarra constituíam suporte instrumental comum de um estado de alma tão poético como musical.

*Quando ouço uma guitarra,  
Não posso ficar calado.  
Logo minha mãe disse:  
Filho, nasceste p'ró fado.*

Os **Reis** ainda hoje constituem amostra palpável da vitalidade de outros tempos. Viveram e vivem paredes-meias com as festas natalícias. São festas de Inverno. Reanimam a comunidade mergulhada numa certa letargia atípica. Preparam os jovens para a responsabilidade necessária que o novo ano lhes confere. Fomentam as relações de vizinhança. As nozes, o vinho e o fumeiro, não são apenas pretexto para estas relações, mas também ocasião de aconchegar o estômago com algo mais que as simples batatas, pão centeio e carne gorda de antanho.

*Viva o dono desta casa  
Por cima de uma carqueja.  
Viva também uma rosa  
Que recebeu na igreja.  
(Alfaião)*

*Senhora qu'está lá dentro*

*Sentada na cortiça,  
Deite os olhos ao fumeiro;  
Dê-nos cá uma linguiça.  
(Larinho)*

Como sequência lógica, temos o **Carnaval** com as manifestações culturais mais bizarras. Sem entrar em explicações académicas, apenas registamos o facto. Não é apenas o dia de Terça-feira de Carnaval, mas sim um longo calendário que inclui os compadres, as comadres, as cacadas, os casamentos ou pulhas (expressão usada no sul do distrito e comum a Vila Real), a **Serra da Velha**.

Estes ritos «*aparecem, e são sempre modos humorísticos, atenuados, indirectos, e gerais do controle social da vindicta pública, que por outro lado atestam a unidade e a coesão do agregado social perante os acontecimentos; representam a voz do povo, a sua opinião crítica, o seu bom senso, espírito e gosto, numa mistura de elementos morais, satíricos, galhofeiros, e também obscenos e escatológicos, reveladores da sua vida mental em muitos aspectos*». (Ernesto Veiga de Oliveira, Festividades Cíclicas em Portugal, p. 27).

A vida biológica ou social é complexa, mas constitui um todo. Neste, o religioso absorve a maior fatia. Em todas as manifestações, mesmo económicas, se sente a religiosidade mais ou menos ortodoxa de uma comunidade. Orações e ensalmos, procuram ser remédio ou resposta para a insegurança do dia a dia. A noite é agoirenta. Oferece perigos. Recitam-se orações para melhor passar esse lapso de tempo.

*Quatro cantos tem a casa  
Quatro cantos tem a lua  
Arrebenta daí, demónio,  
Qu'esta cama não é tua.*

É uma forma de esconjuro muito original, que procura libertar o espaço de viver, a casa, da influência maléfica do demónio. A invocação dos anjos e a presença da luz tornam a oração que segue mais eficiente.

*Quatro cantos tem a casa,  
Quatro círios 'stão a arder  
Trinta mil anjos m'acompanhem  
Na hora em que eu morrer.*

Quem não tem ainda na memória estas e outras fórmulas que ouviu aos seus pais, aprendidas simultaneamente com as fórmulas ortodoxas do catecismo? São parte muito complexa e abundante da **religião popular**. Pequenos apontamentos da alma do nosso povo, incluídos neste trabalho, apenas pretendem chamar a atenção para o facto. A devoção às almas do purgatório foi o aspecto que mais sensibilizou os informadores.

*Olha, cristão, que és terra!  
Olha que hás-de morrer!  
Do teu bom e mau viver.*

Esta repetição do «olha» é como uma admoção séria aos desvios morais e religiosos do cristão mais desatento. O ambiente religioso das famílias, o toque plangente dos sinos, as relações entre dois mundos que é necessário manter em equilíbrio, explica esta insistência.

**Lendas e contos.** É o tema mais vasto e rico da vida de qualquer comunidade. Falta ainda fazer aproximações entre os diversos elementos. A riqueza literária de que são portadores não constitui o único interesse para estudar a cultura de um povo. Aculturações e enculturações, documentam-se na leitura de algumas lendas. Formas vocabulares neles inseridas fornecem pistas seguras para as marcas que todas as colonizações: pré-histórica, romana, germânica e árabe, deixaram em todo o distrito de Bragança. Palavras como *penha escrita, castrilhão, ciradilha, pedrafita, castelar, fraga da moura encantada, tributo das donzelas*, etc., ajudam a iluminar os períodos menos claros da nossa história. Os contos lembram-nos as noites longas de Inverno. Críticos, cómicos ou moralizantes, adaptam-se a todas as mentalidades. Com uma linguagem chã, e de vocabulário reduzido, são sugestivos, crepitantes como as brasas da lareira. A narração serve-se de comparações simples, tão ao gosto do auditório aldeão, que facilmente entende. *Moça teimosa, História de um marido rabugento, Conto do Zé Pequeno e Zé Grande, Maria de Pedra*, são uma pequena amostra, suficientemente rica para entusiasmar alguém que deseje salvar do olvido a memória multissecular de um povo.

**Recolha de História e Lendas Populares do Distrito de Bragança**, foi o título que a Delegação da Junta Central das Casas do Povo de Bragança deu a uma tarefa louvável, de salvaguarda do nosso património escrito. Se é certo que nem todos responderam à iniciativa, o que dela resultou, esta pequena recolha, justifica de sobejo o seu valor. Valeu a pena. Este registo gráfico jamais se apagará. A industrialização da nossa agricultura, ora em período de aceleração progressiva, vai mudar o *modus vivendi* das comunidades. Não teremos mais cantigas da segada, geradas e alimentadas em plena faina agrícola. Mais do que as pessoas, mudam os esquemas de trabalho.

A canção e a poesia fluem do seu ambiente próprio, são respostas adequadas para exprimir estados de alma. Bem-haja a Delegação da Junta Central das Casas do Povo de Bragança na pessoa de Eleutério Alves e Narciso Gomes, respectivamente responsável e técnico de animação cultural, por ter quebrado o ridículo de simples actividades burocráticas e nos ter proporcionado mais este pequeno cancionário.

Amavelmente responsabilizado na tarefa de o organizar, seguimos uma ordem lógica na disposição da matéria. Há repetições. Registámos os títulos que nos deram os informadores. Preferimos salvaguardar a originalidade deles e



sacrificá-la a gostos pessoais. Houve necessidade de corrigir pontuações, destacar diálogos. Tivemos o cuidado de não prejudicar em nada a simplicidade dos temas que nos entregaram. Salvaguardou-se o fundo e a forma. Para as imprecisões e deficiências, que são nossas, esperamos boa compreensão. Para tornar o texto menos pesado, e mais documental, incluímos nele algumas transcrições musicais.

**BELARMINO AFONSO [1985]**

## ***MODESTO CONTRIBUTO EDIÇÃO 1985***

Entre Novembro de 1981 e Fevereiro de 1982, lançou a Delegação da Junta Central das Casas do Povo, em Bragança, uma «Recolha de Histórias e Lendas Populares do Distrito de Bragança». Visava-se, então, como objectivos fundamentais:

- - Sensibilizar as Casas do Povo para a premência de acarinhar e defender todo um vasto e variado património etnográfico existente no Nordeste Trasmontano, uma boa parte do qual sobrevive apenas graças à memória popular;
- - Empenhar e envolver as próprias pessoas dos meios rurais na «Recolha» referida, convidando-as a que fossem elas próprias a passar ao papel aquilo que sabiam ou ouviam dizer oralmente. Assim se perderia, não o ignoramos, em rigor científico; assim se procurava ganhar em espontaneidade e, sobretudo, «investir» na chamada de atenção das populações para a necessidade de se atribuir o justo valor a esse tipo de manifestações da cultura popular, verdadeiro legado que urge receber e transmitir, qual «testemunho» de uma caminhada histórica milenar!
- - Depois, e caso o material conseguido o justificasse, em qualidade e quantidade, publicar uma brochura do que de mais significativo se entendesse. É notável, bem o sabemos, quanto ao seu âmbito, qualidade de pesquisa e rigor científico, a obra já realizada por estudiosos insignes do material etnográfico respeitante ao Distrito de Bragança. Não se tem, pois, em vista, com a pequena brochura que ora se publica, ombrear com os admiráveis trabalhos já feitos sobre a matéria.

Deseja-se apenas, e só, dar à estampa o que de mais valioso foi reunido, a propósito da iniciativa atrás referenciada. A generosidade e dedicação de quantos se envolveram neste processo, impõem-no! Assim o prometemos; assim o queremos cumprir.

Entretanto, se o carácter despretensioso – que reafirmamos – do trabalho que agora [1985] se apresenta puder, de algum modo, constituir MODESTO CONTRIBUTO para divulgar, valorizar, preservar esse tesouro imensurável que constitui parte do substrato sociocultural das gentes deste nosso Nordeste onde nos inserimos – sentir-nos-emos muito gratificados.

É que, também a este respeito, «*a messe é grande e os operários poucos*».

**NARCISO GOMES 1985**

## ***AGRADECIMENTOS 1985***

Uma publicação, mesmo que pequenina como esta, só é possível devido à conjugação de esforços e boa-vontade de vária ordem e diversa proveniência. Não pode, assim, a Delegação da Junta Central das Casas do Povo, em Bragança, deixar de agradecer muito reconhecidamente:

- - A todos aqueles que, dos vários pontos do Distrito, se empenharam na «Recolha» por nós promovida, quer como «fontes», quer como signatários da mesma.
- - Às personalidades que integraram o júri de apreciação dos trabalhos recebidos, que desinteressada e gentilmente aceitaram dar-nos o contributo do seu saber e experiência na matéria, os Ex.mos Senhores: Dr.<sup>a</sup> Carolina Vitória Pires, professora efectiva do Ensino Secundário; P. Dr. Belarmino Augusto Afonso, professor de Antropologia Cultural da Escola do Magistério Primário de Bragança; Dr. Manuel António Gonçalves, professor do Ensino Secundário.
- - Às pessoas que proporcionaram, com o seu canto, a gravação das várias cantigas e outro material cantado, cuja música publicamos nesta brochura.
- - Ao Regente da Banda da Casa do Povo de Vinhais, Sr. Alberto Aníbal Ferreira, pelo trabalho de decodificação das músicas atrás referidas.
- - A todas as Casas do Povo do Distrito, Estabelecimentos de Ensino, Párcos, Juntas de Freguesia, Jornal «Mensageiro de Bragança», Revista «Brigantia», Boldim «Povo Rural», Emissor Regional da RDP, em Bragança, e outros órgãos de comunicação social, pelo papel imprescindível que lhes é devido na divulgação e relevo concedidos à iniciativa.
- - Referência e agradecimento muito particular nos cumprem ainda aqui deixar ao Rev.<sup>o</sup> P. Dr. Belarmino Augusto Afonso, desta feita pelo trabalho e dedicação que lhe devemos, de selecção, compilação, ordenação, sistematização, e nota introdutória desta colectânea.

**A DELEGAÇÃO DA JUNTA CENTRAL DAS CASAS DO POVO EM BRAGANÇA**